

16. Hospital Real Beneficência Portuguesa

16.1 A edificação como documento

16.1.1 Bem/Edificação

Hospital Real Beneficência Portuguesa de Campinas

16.1.2 Localização

Rua Onze de Agosto, 557, Centro, Campinas, SP, CEP 13013-100.

16.1.3 Proteção

Tombado pelo CONDEPACC, processo 008/01, Resolução nº 64 d 12/06/2006 GP1 (fachadas, salão nobre e capela) e GP2 (corpo restante do edifício)

16.1.4 Propriedade

Hospital Real Beneficência Portuguesa de Campinas

16.1.5 Proprietário

Real Sociedade Portuguesa de Beneficência de Campinas

16.1.6 Usuário

Hospital Real Beneficência Portuguesa de Campinas

16.1.7 Utilização original

Hospital

16.1.8 Utilização atual

Hospital

16.1.9 Enquadramento/Implantação

O imóvel encontra-se instalado entre as ruas 11 de Agosto, Marechal Deodoro, Sebastião de Souza e Av. Andrade Neves.

16.1.10

Valor documental

As origens da Sociedade Portuguesa de Beneficência em Campinas são muito antigas: as suas instalações são contemporâneas às da Santa Casa de Misericórdia, o primeiro hospital da cidade. Criada em 1873 por membros da colônia portuguesa, o hospital de Beneficência foi construído e inaugurado em uma chácara próxima à “Estação da Paulista” em 1879 para atender os integrantes da comunidade lusa. No curso do tempo, a instituição ampliou suas estruturas motivada pelo desenvolvimento e expansão da cidade, da mesma forma que sua presença estimulou a criação de outros hospitais e instituições na região. Originou-se também do corpo clínico da Beneficência Portuguesa (Dr Clemente Tófoli, Dr Mário Gatti), em 191, a proposição de construir um hospital para a colônia italiana junto ao Circolo Italiani Uniti, origem da Casa de Saúde Campinas.

Em meados do século XIX, a cidade começou a receber médicos, farmacêuticos, botânicos, entre outros profissionais que, oriundos de diferentes regiões do Brasil e

dezembro de 1876, uma nova nota informa: “Em vista das modificações havidas na planta para o hospital, resolveu a diretoria por novamente a concurso da obra completa”; questão que se esclarece o nota de 17 de dezembro com a informação de que: “O Diretório da Sociedade Portuguesa de Beneficência acaba de contratar com o Sr. Manoel Ferreira da Costa a construção do edifício que tem de servir de hospital daquela caridosa instituição (...). O edifício será construído segundo o plano apresentado pelo sr Valentim José da Silveira Lopes, tendo 154 palmos de frente e 54 e meio de fundo” (Registro Histórico).

A pedra fundamental foi lançada em 6 de janeiro de 1877 e a inauguração ocorreu em 29 de junho de 1879, cabendo ao Dr Valentim José da Silveira Lopes (construtor) a condução voluntária das atividades hospitalares nos anos de 1879 a 1886.

Em 1882 realizaram-se obras de conclusão do hospital, constando a instalação de uma sessão de hidroterapia; neste ano, a instituição recebeu a visita da Princesa Isabel e do Conde d’Eu, mas teve também parte de seu terreno desapropriado para alinhamento da atual avenida Andrade Neves. Em 1884, o hospital recebeu ajardinamento e em 1885, iluminação a gás. Data deste ano a visita do Imperador D. Pedro II que não só percorreu o estabelecimento como legou uma contribuição valiosa, e ainda, a elaboração de novos estudos para ampliação. Em 1889, com a eclosão da epidemia de febre amarela, a Sociedade Portuguesa de Beneficência de Campinas recebeu auxílios da Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Paulo, assim como contou com apoio do Conde D’Eu e do Inspetor de Higiene do Império, que estiveram em Campinas para “tomar ciência do estado da epidemia”, integrando o hospital os esforços de combate à doença.

Em 1896, período em que novos casos de febre amarela acabaram por promover um novo surto, o hospital voltou a abrir suas portas aos doentes. Na ocasião, a instituição achava-se em obras de ampliação, concluindo-se em dezembro do mesmo ano, dois novos pavilhões e uma pequena torre adornada com um relógio. Em 1898, o prédio mereceu o gradil de ferro externo e o calçamento com paralelepípedo dos caminhos de acesso à porta central; o centro médico recebeu uma “máquina de choques elétricos” e a presença de um farmacêutico diplomado na Academia de Lisboa.

Em 1905, novos equipamentos seriam incorporados ao laboratório e seção de cirurgia, datando de 1907 a elevação da instituição à condição de Real Sociedade Portuguesa de Beneficência. Neste período, novas reformas e ampliações começaram a ser traçadas, constando entre elas a construção de um pavilhão ou a transformação do edifício em sobrado para oferecer um espaço específico às senhoras. Em 1911, a administração da instituição voltou a convocar os construtores da cidade para apresentar orçamentos para a obra e em 1912, após desistir da criação de novas áreas nos fundos do antigo edifício (pelas dificuldades do terreno), definiu-se por instalá-las na parte frontal “acompanhando os torreões”, bem como promover a reforma da “parte velha”, obtendo-se “um edifício sob todos os pontos de vista de primeira ordem, quer quanto à estética, quer quanto à sua salubridade e capacidade, podendo futuramente ter em suas enfermarias cerca de 100 leitos, ou mesmo mais, em caso de necessidade”. A empreitada, realizada pelo segundo tesoureiro, o sr. Euzébio Carlos Dias, foi concluída em 1913.

Em dezembro de 1920, novas obras chegavam à conclusão: a instalação na parte posterior de uma “cosinha

ampla e higiênica e magnífica sala de refeições para os empregados subalternos, e, igualmente, de uma outra sala, com luxo e conforto para os médicos e pensionistas”. Também se faria inaugurado um novo laboratório de análises clínicas “em cómodo adrede preparado para esse fim”. Nesta ocasião, já se estudava reformar o necrotério para receber a farmácia e instalar o mesmo necrotério em “lugar mais afastado”. Em 1925, a instituição recebe um potente aparelho de raio-X, e para tanto, faz construir em área a parte, um novo pavilhão de raio-X, radiologia/radioterapia e laboratório de análises; data do mesmo ano os estudos de alteração da “parte primitiva do edifício social”, prevendo-se instalar uma nova capela no local do “velho necrotério e cômodos anexos (...) descongestionando assim a entrada para o hospital”.

Data de 1927 a inauguração desta nova capela e de 1928 a intenção de se promover “reformas substanciais no prédio”, decidindo-se por conferir ao engenheiro Dr Ricardo Severo a “direção do empreendimento”. As obras visavam agora aumentar os quartos para enfermos (dotando-os de dependências sanitárias), enfermarias (no térreo e no primeiro andar), construir dois novos pavilhões para senhoras (com 2 salões, 5 quartos e 2 cômodos sanitários cada um), um pavilhão de isolamento, cozinha, quartos para empregados, registrando um Relatório de Diretoria de 1929 que: “Não fossem as chuvas abundantes no início das obras e os alicerces, impróprios da parte velha, que tiveram que ser substituídos e feitos de forma a ter a parte central o máximo de solidez, certamente já estariam prestes a concluir-se”. Após 3 anos, e num contexto de grave crise econômica, o hospital teve suas obras concluídas.

Entre os anos de 1947 e 1948, determinou-se a realização de novas obras na parte central do edifício (área da copa e cozinha) para abrigar, no pavimento superior, as salas de operação e, no pavimento térreo, a mesma copa e cozinha. Estas obras, inauguradas em 1955, incorporariam ao edifício mais um pavilhão dotado de três pavimentos, constando entre eles um conjunto de 8 apartamentos, copa, sala de curativos e instalações sanitárias (3o pavimento) e salas de operação (2o pavimento).

projeto	assunto	
013/14	Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico	
cliente	sítio	
TAB Núcleo Regional Campinas	Hospital Real Beneficência Portuguesa	
	local	
	Campinas, SP	
	coordenação	
	Dra. Mirza Pellicciotta	folha
	revisão	01/03
	data	12/10/2015
		0
Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda		
		

Data também deste período, primeiros movimentos para trazer para a gestão do hospital (superintendência dos serviços assistenciais e administrativos), a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitalleiras. Os esforços de contratação se estenderam entre 1948 e 1952, ocasião em que sete irmãs assumiram a administração da instituição.

16.2.4 Estado físico de preservação (níveis de conservação, negligência, abandono)

Bom estado de conservação

16.2.5 Transformações, adaptações, restauração

O edifício viveu em permanente mudança desde sua construção. Reformas, ampliações e reconstruções marcaram a trajetória desta edificação destinada a abrigar um hospital. Das estruturas originais de 1879 não restaram remanescentes. Entretanto, as ampliações e reconstruções permaneceram em diálogo com o projeto, com o estilo e com a implantação original

16.2.6 Emprego de materiais, programa arquitetônico, outras informações

Na reforma empreendida por Ricardo Severo entre os anos de 1928 a 1931, o hospital passou a contar, no andar térreo, com o escritório de administração, sala de espera para os consultórios particulares, farmácia e laboratório, salas de consulta e de espera para os sócios, sala para os médicos, "sala de ferros de cirurgia", dormitório do médico interno, sala de consulta para particulares, rouparia, quarto dos telefones, refeitório particular, biblioteca, dormitório do farmacêutico e salão nobre. No primeiro andar, servido por 4 elevadores, consta em sua área central um pavilhão com quatro apartamentos duplos e quatro apartamentos simples (com suas repartições sanitárias). Nas laterais, dois pavilhões para senhoras contam com quatro salões e dez quartos espaçosos (44 camas), servidos por instalações sanitárias para os enfermos e para os particulares. Este andar conta também com uma ampla sala para recreio dos convalescentes.

Na área externa, há dez metros de distância e separado por uma rua calçada, consta um pavilhão de isolamento com 5 quartos, copa, sala de curativos, banheiro, etc. Na porção do terreno próxima à rua Sebastião de Souza, acha-se uma garagem para 6 carros e nos fundos da parte central, uma galeria envidraçada para passagem dos empregados. O terreno abriga também a nova cozinha isolada e interligada ao edifício por um corredor envidraçado. No terreno da frente, três entradas calçadas com mosaicos dão acesso às escadas de mármore e, em lugar da grade de ferro, balaustres de cimento armado separam o terreno da rua.

Na nova reforma realizada entre os anos de 1948 e 1955, a área central do edifício passou a abrigar mais um pavilhão de três pavimentos. A nova área passava a contar, no terceiro pavimento, com 8 apartamentos, copa, sala de curativos e instalações sanitárias; no segundo pavimento, com 5 salas para operação, entre elas, 2 de alta cirurgia (servidas por sala de assepsia) e as demais para intervenções de ortopedia e urologia, salas para médicos e

salas de serviços. No primeiro pavimento ficariam a copa e cozinha.

16.2.7 Área total aproximada

Área bruta: 7.300 m²

16.3 Estudo do entorno

16.3.1 Área envoltória

A criação do "Largo da Beneficência" se deu associada à construção do hospital e sua inauguração foi contemporânea à ele; mas já no ano seguinte, as comemorações do tricentenário do poeta luso alteraram o nome da praça para "Largo Luiz de Camões" (1880), ocorrendo nos anos seguintes a plantação de pinheiros cauri (1884) e a instalação, algumas décadas depois, do busto de Luiz de Camões (1922). As transformações mais significativas, no entanto, vieram com o desenvolvimento da região, em especial, dos negócios, dos serviços e dos fluxos migratórios promovidos pela expansão do complexo cafeicultor e pela presença da rede ferroviária em suas imediações. Pouco a pouco, a região recebeu novas instituições, ruas e casario, urbanizando-se esta antiga área de chácaras. A praça mereceu também o calçamento do entorno (1901), o ajardinamento (1911) e a colocação de mosaicos portugueses no piso (1928).

16.3.2 Qualidade arquitetônica, estética, urbanística: interação com o ambiente urbano

O Hospital Real Beneficência Portuguesa de Campinas cumpriu papel central na configuração de uma dada região da cidade e, ainda hoje, permanece imersa num desenho urbano que ajudou a definir. A intensa verticalização e os fluxos viários que o cercam dificultam mas não comprometem a interação que a edificação continua a manter com a cidade.

16.4 Outros elementos patrimoniais do bem

Data de 1922, a inauguração da herma de Luiz de Camões em homenagem à "raça portuguesa". Sua pedra fundamental foi lançada em 15 de agosto e o monumento foi inaugurado em 7 de setembro.

16.4.1 Bens móveis

A instituição guarda testemunhos inestimáveis de sua trajetória histórica na forma de objetos, móveis, quadros, documentos, entre outros itens.

projeto
013 / 14

cliente

IAB Núcleo Regional Campinas

assunto

Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico

síto

Hospital Real Beneficência Portuguesa

local

Campinas, SP

coordenação

Dra. Mirza Pellicciotta

revisão

0

folha

02/03

Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda



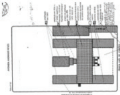
CONHECIMENTOS ASSOCIADOS

16

Hospital Beneficência Portuguesa

Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico

16.5 Iconografia

imagem	tipo	número	legenda	autor/fonte
	Fotografia	1314FT16001	Fachada, detalhe 1	Marília Vasconcellos
	Fotografia	1314FT16002	Fachada, vista geral	Marília Vasconcellos
	Imagem de arquivo	1314IA16001	Croquis procedente de estudo técnico do CONDEPACC	Fonte: CONDEPACC
	Imagem de arquivo	1314IA16002	Plantas, sem escala, procedente de estudo técnico de ampliação (1)	Fonte: CONDEPACC
	Imagem de arquivo	1314IA16003	Plantas, sem escala, procedente de estudo técnico de ampliação (2)	Fonte: CONDEPACC
	Imagem de arquivo	1314IA16004	Cartão Postal do Hospital no final do século XIX.	Aervo MIS
	Imagem de arquivo	1314IA16005	Real Sociedade de Beneficência Portuguesa após reforma administrada por Ricardo Severo (1929-1931).	Aervo MIS
	Imagem de arquivo	1314IA16006	Real Sociedade de Beneficência Portuguesa em meados século XX.	Aervo MIS

projeto

013/14

cliente

IAB Núcleo Regional Campinas

assunto

Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico

sítio

Hospital Real Beneficência Portuguesa

local

Campinas, SP

coordenação

Dra. Mirza Pellicciotta

data

12/10/2015

revisão

0

folha

03/03

Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda

ib

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

INSTITUTO PATRIMÔNIO CAMPINESE

CONHECIMENTOS ASSOCIADOS